

Simon avisa que só abre mão de candidatura se Itamar concorrer

Interesse pela disputa presidencial esfria debate sobre a aliança entre PMDB, PFL e PSDB

ARIOSTO TEIXEIRA

Embora admita que são poucos aqueles que acreditam nas probabilidades da sua pretensão presidencial – “Ninguém acredita na minha candidatura, acho que vou ter que registrá-la em cartório para que vejam que ela é para valer” – o senador Pedro Simon (PMDB-RS) tem uma notícia inquietante para eventuais pretendentes à legenda do PMDB, e que derrama um balde de água gelada no debate sobre a repetição da aliança entre PMDB, PFL e PSDB que atualmente governa o país: “Meu nome será apresentado à convenção do partido e duvido que alguém de fora me derrote”, desafia ele, referindo-se ao episódio de 1998 em que os convencionais do partido recusaram a candidatura de Itamar Franco para apoiar a reeleição do tucano Fernando Henrique Cardoso.

Neste caso, Simon refere-se a hipóteses como a da candidatura do governador do Rio, Anthony Garotinho, do PDT, que já iniciou conversas de bastidores com lideranças do PMDB sobre a idéia de uma chapa com ele na cabeça. Simon admite que não disputaria a convenção, por exemplo, com Itamar Franco. Na última sexta-feira, aliás, ele

teve um encontro em Belo Horizonte com o governador mineiro e afirma não ter se impressionado com as notícias publicadas em Minas Gerais de que Itamar encerrará carreira em 2002.

A impressão que ficou, diferentemente, é de que Itamar é hoje mais candidato do que era ontem. Se o governador mineiro disse o contrário e alguém anotou e publicou – avalia Simon –, que aprendeu a ler os sinais da política mineira com Tancredo Neves, é porque Itamar é mais candidato do que nunca. Na conversa, o governador expôs as razões pelas quais defende o rompimento com o governo federal e a renúncia aos cargos que o PMDB controla no governo Fernando Henrique. Ele sabe que não há ambiente para isso. O partido perderia posições influentes, inclusive três ministérios. O que se tem visto no partido é o contrário: o esforço para manter esses cargos. Se persistir nessa trilha, acha Itamar, o partido perderá competitividade para 2002.

A proposta do governador, porém, ajuda o discurso nacional dos dirigentes do PMDB a negociação caso a caso de tudo que o governo precisa no Congresso e que dependa do quorum proporcionado pelo partido. A tática é da tradição do PMDB e típica do

estilo Itamar. Recorde-se que o ex-presidente manteve-se crítico em relação ao governo federal durante o primeiro mandato de Fernando Henrique, mas não abriu mão do cargo de embaixador em Portugal e para representar o Brasil junto à OEA.

Quando diz que ninguém acredita nas sua candidatura, Simon na verdade quer dizer que o seu nome não foi incluído nas pesquisas eleitorais e seus movimentos não são acompanhados pela mídia. Ele revela, contudo, que tem recebido do PMDB oferta de infra-estrutura para sustentar uma pré-campanha. E explica que seu objetivo é uma campanha de conteúdo ético e programático. O senador gaúcho anota também, como sinal positivo, o estímulo que

vem recebendo do presidente e líder da bancada no Senado, Jader Barbalho (PA), e do presidente da Câmara, Michel Temer (SP).

Simon concorda que esfriou o ambiente de antecipação da corrida presidencial, mas acha que a popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso não será recuperada a ponto de torná-lo um eleitor influente. Ele simpatiza com a tese itamarista favorável a que uma convenção decida se o partido deve ou não continuar no governo.

SENADOR
DIZ TER
APOIO DE
LIDERANÇA